

Visões e Anseios dos Jovens Angrenses Candidatos ao Mercado de Trabalho: expectativas inerentes à sua inserção

RESUMO

A dificuldade de inserção do jovem no mercado de trabalho apresenta-se como uma constante da atualidade. Nesse sentido, o objetivo central desse trabalho, foi efetuar um levantamento sobre as visões e anseios dos jovens angrenses, candidatos ao mercado de trabalho, em relação às suas expectativas de inserção, e a visão desses jovens sobre o primeiro emprego. Para tanto, valeu-se de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de uma entrevista em profundidade, com 15 jovens de uma escola pública. A entrevista fora conduzida com o apoio de um formulário composto por 33 questões. As respostas dos entrevistados foram avaliadas por meio de análise de conteúdo. Como resultado, verificou-se que os jovens apresentam, em geral, baixas expectativas em relação à remuneração e suas expectativas frente ao trabalho remunerado, se limitam às principais oportunidades de vagas da região. Verificou-se também, que o trabalho, para muitos significa a manutenção de suas vidas. Destaca-se a crença atribuída por esses jovens ao esforço e ao estudo, como elementos essenciais e decisivos para sua colocação no mercado de trabalho. Apesar das dificuldades sociais vividas pela maioria dos entrevistados, a maioria apresenta elevada auto-estima.

Palavras-Chave: Mercado de Trabalho. Expectativas. Trabalho Remunerado.

1. INTRODUÇÃO

O cenário econômico atual, acometido por uma crise econômica e por uma voraz concorrência, transformou o mercado de trabalho em uma arena de competição acirrada. Para Abreu e Marques (2008), as crises e as mudanças no mundo do trabalho remunerado atravessam nossa realidade atual e atingem nossa juventude. As reflexões aqui discutidas fazem parte de um recorte referente a uma pesquisa originária de um projeto de extensão, que teve início em meados de 2008.

O município de Angra dos Reis, destino turístico internacionalmente conhecido, exibe um imenso número de atrativos naturais. A cidade se localiza no Estado do Rio de Janeiro e faz fronteira com os municípios de Mangaratiba, Rio Claro e Paraty. Atualmente suas principais atividades econômicas se relacionam à pesca; a indústria naval, principalmente em função do estaleiro KeppelFels (antigo Verolme); as atividades portuárias do terminal petrolífero TEBIG da Petrobrás; a geração de energia nas usinas eletrônicas Angra I e Angra II; pelo comércio varejista e pelo turismo, que nos últimos anos vem crescendo sistematicamente. Os atrativos turísticos do município e a generosa oferta de vagas de trabalho, especialmente na década de 80, fizeram com que o município tivesse um crescimento desordenado e seu mercado de trabalho ganhou características de maior competitividade.

O objetivo do presente trabalho é efetuar um levantamento sobre as visões e anseios dos jovens angrenses, candidatos ao mercado de trabalho, realizado através de uma pesquisa de caráter qualitativo, cujo resultado aponta as expectativas desses jovens inerentes à sua inserção nesse mercado, sobretudo no tocante ao primeiro emprego.

De forma a concretizar o objetivo proposto, o presente artigo está estruturado em quatro etapas: na primeira, realizou-se uma revisão teórica dos conceitos centrais discutidos na pesquisa. Na segunda, uma exposição da metodologia e o procedimento utilizado na pesquisa. Na terceira etapa, realizou-se uma análise qualitativa dos resultados, obtidos por

meio da entrevista em profundidade. Por fim, na quarta etapa, foram realizadas as considerações e reflexões finais, embora não conclusivas, sobre o tema juventude e mercado de trabalho, no contexto do município Angra dos Reis.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Mercado de Trabalho

Os aspectos centrais do presente trabalho pautam-se mediante a discussão da compreensão da visão do jovem angrense sobre o mercado de trabalho. Dessa forma, serão apresentadas algumas concepções do papel do jovem sobre o mercado de trabalho. O mercado de trabalho, segundo Oliveira (1999) pode ser definido como o local em que se encontram disponíveis as atividades em que contratantes encontram executores que cumpram tais trabalhos e, executores encontram contratantes interessados nos conteúdos destes trabalho que são capazes de oferecer. Para Silva e Kassouf (2002) o mercado de trabalho é um dos temas que aparece em maior evidência, tanto na mídia, como na agenda política, especialmente em função das altas taxas de desemprego e da precariedade na inserção da população brasileira, em especial do jovem, nesse mercado. As dificuldades presenciadas pelos jovens no Brasil no mercado de trabalho tais como, altas taxas de desemprego, baixa renda, falta de perspectivas profissionais, tornam o quadro social ainda mais precário devido à marcante interdependência existente entre estas variáveis e outras como baixa escolaridade, violência, além de outras.

De acordo com Bercovich e Madeira (1990), talvez os problemas inerentes ao mercado de trabalho tenham como um de seus agravantes, as chamadas descontinuidades demográficas. Para as autoras, o conceito de descontinuidades demográficas refere-se às mudanças bruscas no acréscimo/decrécimo absoluto de grupos etários. Tais mudanças são originárias das variações comportamentais que elevam as taxas de fecundidade, mortalidade ou migração e acarretam em mudanças no formato da pirâmide etária. No caso específico brasileiro, os estudos de Bercovich e Massé (2004) apontam para queda na taxa de fecundidade e na taxa de mortalidade, que acarreta no crescimento de faixas etárias mais envelhecidas, modificando a composição da população economicamente ativa. Para as autoras, essas modificações, aliadas à pressão exercida pela entrada das mulheres de todas as idades no mercado de trabalho, representam um incremento na concorrência, aliada ao fortalecimento da classe etária adulta compreendida entre 25 e 34 anos. Muniz (2002) alega que quando as descontinuidades demográficas não são corretamente antecipadas, em especial pelos atores governamentais, podem ocorrer pressões sociais, além de consequências indesejáveis no mercado de trabalho e no sistema educacional, fato este que aparentemente ocorrera recentemente no Brasil.

2.2. Desemprego entre os jovens

Enquanto em 1990 existiam 10,7% de jovens desempregados, em 1998 esse número alcançava a marca de 17,2%, o que reflete um aumento substancial da taxa de desemprego entre os jovens. Além disso, cerca de 51% dos jovens entre 15 e 24 anos, no ano de 1990, estavam desempregados, e em 1998 esse número não mudou muito, cerca de 48%. (PNAD, 1990; PNAD, 1998). Além disso, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (2006), desenvolvida pelo IBGE, apontou um crescimento de 70,2% na taxa de desemprego dos jovens entre os anos de 1995 a 2005, evoluindo de 11,4% para 19,4%. Para o restante da população, o cenário foi menos traumático, variando 44,2%, de 4,3% em 1995 para 6,2% em 2005. Ainda de acordo com a pesquisa, a situação é pior para as jovens do sexo feminino. Nesse grupo, a taxa de desemprego passou de 14,1% em 1995 para 25% em 2005, ou seja, um aumento de 77,4%. Enquanto isso, para os jovens do sexo masculino, a variação foi de 9,7%

em 1995 para 15,3% em 2005, ou seja, um aumento de 57,8%. Tais estatísticas apontam para um cenário pessimista, em que o jovem fantasia dificuldades em sua carreira, além de uma concorrência mais acirrada.

Para Martins (1997), esses jovens cresceram em meio às contradições do processo de modernização da sociedade brasileira das últimas décadas, e experimentaram a melhoria no padrão de vida da população em geral, ao mesmo tempo em que foram atingidos por novas desigualdades sociais. As desigualdades vivenciadas recentemente no País, se sobrepõem aos processos mais arcaicos ainda não superados, que caracterizariam a velha exclusão social, definida pela baixa escolaridade, pela privação absoluta e pela falta de acesso à terra. A velha exclusão convive com os fenômenos da nova exclusão social, radicada nas periferias dos centros urbanos. Para Pochmann e Amorin (2003), as novas desigualdades são decorrentes do desemprego por longos períodos ou da falta de acesso ao trabalho, em decorrência da maior elevação da escolaridade e da formação profissional. Dessa maneira, a nova desigualdade ocorre em situações de ausência de mobilidade social ascendente, atingindo, sobretudo, os jovens das cidades.

Segundo dados do IBGE (2008), no Brasil, apenas 36% dos jovens entre 15 e 24 anos têm emprego, outros 22% já trabalharam, mas estão desempregados atualmente. Em média, os jovens demoram 15 meses para conseguir o primeiro emprego ou uma nova ocupação nas regiões metropolitanas. No total, 66% deles precisam trabalhar porque todo o seu ganho, ou parte dele, complementa a renda familiar. Curiosamente, o mercado de trabalho para os jovens apresenta um maior número de desempregados entre àqueles escolarizados. Na faixa de 15 a 17 anos, por exemplo, o nível de ocupação teve uma redução de nove pontos percentuais, caindo de 39% em 1996 para 30% em 2006. No grupo de 18 e 19 anos, a queda foi de mais de três pontos, indo de 55,1% em 1996 para 51,8% em 2006 (PNAD, 2006).

Segundo Camarano *et al.* (2003), os jovens atualmente estudam mais, além de se verificar aumento no número daqueles que combinam escola e trabalho. Observa-se também um aumento do contingente dos que apenas estudam, particularmente na faixa entre 15 e 19 anos, o que pode ser reflexo de uma maior dificuldade de inserção no mercado. Por outro lado, os números ainda revelam a incapacidade das políticas educacionais em promover a universalização do ensino: cerca de 1,1 milhões dos jovens entre 10 e 14 anos e seis milhões daqueles entre 15 e 19 anos não estavam na escola em 2000. Dos 34 milhões de jovens brasileiros, 17,5 milhões (51,4%) não estudavam nesse ano.

De acordo com Pochmann (1998), apesar da elevação do nível de escolaridade, os anos 90 marcaram a emergência de um novo padrão de inserção ocupacional que reservou aos jovens os empregos precários, no setor informal da economia, em empresas pequenas e com baixa perspectiva profissional. Os dados reunidos por Sposito (2003) indicam que a principal fonte de ocupação para os jovens é o trabalho assalariado, pois se verificou que cerca de 77,2% se encontravam nessa condição em 2000. Ao mesmo tempo, os jovens eram em maior número entre os empregados sem carteira assinada e com menores salários. O autor menciona que cerca de 64,9% recebiam até dois salários mínimos e 10,4% não tinham qualquer tipo de remuneração. Os “não-brancos” e representantes do sexo feminino, concentravam ainda os menores rendimentos. Quanto à jornada de trabalho, 46,7% dos jovens trabalhavam de 40 a 60 horas e 7% chegavam a mais de 60 horas semanais, caracterizando uma exploração que excede os preceitos descritos na Consolidação das Leis do Trabalho.

Conforme Korenman e Neumark (1997), a falta de emprego é vista por muitos como grave problema social que vem afetando tanto economias desenvolvidas como economias em desenvolvimento. Pode-se afirmar que o desemprego representa a falta de capacidade da economia de um país em prover ocupação produtiva para todos aqueles que a desejam. Nas últimas décadas, houve uma deterioração do mercado de trabalho em todo o mundo, com o aumento da taxa de desemprego e diminuição da taxa de emprego, agravado especificamente com a crise econômica de 2008.

2.3. Inclusão do jovem no mercado de trabalho

Todavia, um avanço na inclusão do jovem no mercado de trabalho foi a criação da lei nº. 10.097, sancionada em dezembro de 2000. A lei determina que todas as médias e grandes empresas do país devem possuir entre 5% e 15% de *aprendizes* no seu quadro de funcionários. Considera-se *aprendiz*, àqueles adolescentes com idade compreendida entre 14 e 18 anos, que esteja em seu primeiro trabalho na condição de aprendiz, inclusive tendo aulas teóricas sobre uma determinada profissão. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (2001), a maioria se adquire aos dezoito anos, somente sendo permitido o trabalho do menor dos 14 aos 16 anos, na condição de aprendiz. Por conta da lei, é menor aquele trabalhador que labora na faixa dos quatorze aos dezoito anos. Tudo isso significa dizer que a entrada do jovem no mercado de trabalho se dá plenamente ao completar dezoito anos, quando estará sujeito às normas contidas na Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, sem as restrições impostas pela Constituição Federal e legislações esparsas.

Nesse sentido, ao levar em consideração a situação jurídica do jovem, pode-se verificar não existir no texto consolidado, qualquer medida de proteção destinada a posicioná-lo no mercado de trabalho no qual ingressa em competição aberta com aqueles já inseridos e portando detém os mesmos direitos relacionados na Constituição Federal e na CLT. Tal elemento corrobora determinadamente com os achados de Bercovich e Madeira (1990). Na atualidade, para aqueles jovens ainda inscritos no sistema educacional e que freqüentam cursos do ensino médio ou superior, existe apenas a possibilidade de pactuação do chamado contrato de estágio previsto na Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Todavia, muitos entre os que buscam uma formação universitária, ainda acreditam que ela será uma espécie de *solução* profissionalizante que lhes dará um conhecimento técnico específico, além do sucesso profissional (HOTZA e LUCCHIARI, 1998).

Berruti e Bengoa (1996) afirmam que normalmente, os jovens têm certa visão do mercado com base em informações obtidas através da sua rede de relações e os seus grupos. Trata-se especialmente em áreas de baixa renda, muitas vezes repleta de subjetividade. Com o advento da internet e *cybercomunidades*, essas visões podem sofrer ainda mais deturpações. Whitaker (1997) corrobora com a afirmativa, alegando que o jovem geralmente tem uma visão equivocada sobre a formação proporcionada pela universidade, geralmente vista como profissionalizante para o mercado de trabalho, esquecendo-se do caráter de pesquisa e construção de conhecimento da mesma.

3. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse trabalho, optou-se por uma abordagem qualitativa, que premiou o aprofundamento e exploração de algumas questões que a abordagem quantitativa certamente não revelaria. Em função dos objetivos desse estudo, o presente trabalho se classifica como uma pesquisa aplicada, em função de identificar elementos componentes do imaginário do jovem angrense em relação ao mercado de trabalho (SILVA e MENEZES, 2001). A pesquisa também se classifica como exploratória que, para Gil (2007), possui como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de instituições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Para Creswell (1994), a espinha dorsal de uma pesquisa qualitativa é a coleta extensiva de dados, que se enquadraria em diversos tipos principais: entrevista, observações, documentos e materiais audiovisuais. Para alcançar os objetivos propostos inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e, posteriormente, procedeu-se às entrevistas.

Selecionou-se 15 adolescentes de 14 a 17 anos, que nunca trabalharam e cursavam o ensino médio de uma escola pública de Angra dos Reis, cidade do Estado do Rio de Janeiro. Esses adolescentes foram entrevistados mediante um roteiro de entrevista composto por 33 questões que abordavam principalmente as expectativas e anseios, classe social, visões sobre o mercado de trabalho, composição familiar, etnia, credo, dentre outros elementos.

As entrevistas em profundidade foram conduzidas em dois dias de trabalho e os jovens, na oportunidade, foram estimulados a externalizarem suas visões, anseios e objetivos e tiveram como auxílio o formulário de pesquisa. Os jovens foram orientados a preencher esses formulários de próprio punho, todavia o entrevistador esteve sempre presente com o intuito de orientá-los.

As informações foram obtidas por meio de análise de conteúdo, tendo por premissa, identificar elementos preponderantes das atitudes e do imaginário dos entrevistados frente à problemática proposta. Como atrativo, após a concessão das entrevistas, os jovens foram submetidos a uma breve capacitação, que visou elucidar questões relativas ao mercado de trabalho e a empregabilidade.

Dentre as limitações do método escolhido, destaca-se a dificuldade em analisar discursos livres, que requerem maior cuidado, além da impossibilidade de generalizações dos resultados, haja vista a adoção de um método qualitativo.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise das entrevistas possibilitou a descoberta de informações relevantes, que em muito contribuiu para uma melhor compreensão a respeito dos anseios dos jovens frente ao mercado de trabalho. O perfil da amostra selecionada foi composto por 15 jovens entre 14 e 17 anos, que nunca trabalharam. Desses jovens, sete pertenciam ao sexo feminino e oito ao sexo masculino. Dez deles eram brancos, quatro pardos e um negro. Seis deles eram evangélicos, sete católicos e dois afirmaram não possuir religião. Eles afirmaram residir, em média com mais cinco pessoas, pertencendo a lares compostos por três a sete moradores. A renda per capita familiar ficou compreendida entre R\$120,00 e R\$1.000,00.

Verificou-se, que em relação ao primeiro emprego, os jovens entrevistados guardam baixas expectativas no que diz respeito à remuneração. A maioria deles alimenta expectativas de um ganho próximo a um salário mínimo mensal e, em alguns casos esse número chega a ser menor. Como fins ilustrativos, a expectativa de maior salário mensal fora de R\$800,00, de apenas 1 entrevistado. Os demais, a exceção de um jovem que esperava ganhar em torno de R\$600,00, todos ficaram abaixo de R\$500,00. Ainda em relação à remuneração, ao serem questionados sobre o que seria uma boa remuneração, observou-se que as opiniões variavam desde aqueles que sonhavam com salários de R\$5000,00 a R\$7000,00 mensais, até aqueles que se contentavam com R\$650,00 mensais. Os discursos deixaram claro que as principais preocupações dos jovens, se relacionavam à manutenção de suas vidas, ao lazer e à educação, conforme as palavras de um entrevistado: *“um bom salário deve dar para eu me alimentar, para me ajudar em uma faculdade, para meu lazer e para minhas necessidades”*. Alguns ainda se preocupavam com a possibilidade de manter uma poupança: *“um bom salário é aquele que desse para eu cumprir com obrigações, desse para o lazer, que desse para investir nos estudos e sobrasse para uma poupança de R\$ 1500,00”*.

Quando arguídos sobre os segmentos que gostariam de atuar, as respostas ficaram divididas entre a indústria naval e bancos. Alguns jovens, pontualmente relataram suas preferências pelo comércio, por ser um segmento mais aberto aos iniciantes. Acredita-se que tais expectativas reflitam a própria experiência de convívio dos jovens com o perfil do Mercado de Trabalho Angrense, definido preponderantemente pela indústria da construção naval, o comércio local e a prestação de serviços, especificamente àqueles ligados ao turismo.

A quarta pergunta do roteiro reforça a crença de uma visão limitada do jovem Angrense, delineada especificamente pelo seu *locus*. Ao serem indagados sobre sua orientação ao empreendedorismo, invariavelmente os jovens indicaram interesse em constituir um negócio próprio, acredita-se pelo sonho de conquistar altos ganhos financeiros. A exceção de um entrevistado, que gostaria de estar a frente de uma indústria, os demais apontaram predileção pelo comércio, especialmente lojas em *shopping*, acredita-se, também motivados pelo seu universo, limitado ao município.

A maior parte deles, acredita que alunos de escolas particulares têm maiores chances de competir no mercado de trabalho, embora acreditem que o esforço individual seja elemento preponderante no resultado final conforme afirma uma jovem: “*o ensino de um aluno de escola pública é mais fraco do que de um aluno da particular, por isso ele tem mais chances, mas se um aluno de escola pública se esforçar ele também terá muitas chances*”. A afirmativa se reforça em um aluno que menciona que “*às vezes um aluno que estuda em escola particular tem uma chance um pouco maior de passar numa prova bem difícil devido o ensino ser mais “puxado”. Mas também o de escola pública pode passar também, só basta ter esforço*”. Além disso, parte deles alimenta a crença de que jovens de classes menos favorecidas, têm menor chances de alcançar boas colocações no mercado de trabalho, como relata um aluno “*o jovem pobre não vai ter dinheiro para pagar um curso ou vestibular, aí ele não vai ter capacidade para assumir um trabalho*”. Todavia, alguns apresentam auto-estima suficientemente alta para acreditar que, com esforço e força de vontade, pode-se competir em situações distintas. Uma minoria acredita na importância do *networking* como elemento central na conquista de uma vaga. A maior parte dos jovens sustenta a crença de que os estudos e a capacitação sejam, de fato, os pontos centrais na colocação.

A totalidade dos jovens entrevistados afirma acreditar em seu potencial, demonstrando que sua auto-estima é elevada, independente das circunstâncias e do contexto social. Além disso, metade deles afirma acreditar na capacidade de seus pares, embora a outra metade alegue que seus colegas de classe estão mais interessados no lazer, conforme relata um jovem que “*tem muita gente que quer coisa séria mais tem outras que só querem zuação*”. É nítido o senso de competição e crítica desses jovens, além da auto-estima elevada, que os coloca em evidência frente aos seus pares. Por outro lado, a maioria dos jovens acredita que enfrentarão dificuldades de colocação em seu primeiro emprego, além de acreditarem que irão concorrer com muitos outros candidatos, às vezes melhores preparados. Os jovens entrevistados acreditam fielmente na correlação entre os anos de estudo e os resultados no mercado de trabalho. Em outras palavras, creem que, quanto maior o número de anos de estudo, maiores são as oportunidades. A totalidade apresenta intenções de continuar os estudos após a conclusão do ensino médio.

Ao serem questionados sobre as diferenças residentes entre gêneros, raças e credos, em relação aos processos de contratação, os jovens, em sua grande maioria, relataram não acreditarem que isso ainda ocorra, embora um respondente acredite que os homens ganham maiores salários que as mulheres.

Os entrevistados relataram enfaticamente que o primeiro emprego é o mais difícil de conquistar, em virtude da maioria das empresas exigirem experiência anterior e, como afirma um jovem, “*muitas empresas não querem dar a primeira chance*”. A totalidade dos jovens entrevistados afirmaram terem pressa de trabalhar, uns com o objetivo de conquistarem sua independência financeira, outros – a maioria – objetivando contribuir com a quitação das despesas do lar. Parte dos jovens acredita que serão mais valorizados pela família e amigos após conquistarem o primeiro emprego, especialmente pelo emprego se associar, na mente dos jovens, à responsabilidade, conforme afirma um deles: “*alguns dos meus amigos vão achar até que eu sou importante mais a minha família vai achar eu responsável*”. Ou ainda um deles que reforça a importância da renda para a família: “*meus amigos não ligam pra dinheiro, mas pela família sim porque eu iria ajudar nas despesas da casa*”. Todavia, a

maioria menciona que não aceitaria trabalhar em qualquer emprego, nem tampouco por qualquer salário.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, que apresentou características sobre o mercado de trabalho, em especial às vagas específicas para jovens, relatou um breve histórico desse mercado ao longo dos últimos anos, em especial dos anos 90, que foram marcados por sucessivas crises financeiras e econômicas, que desencadearam em altas taxas de desemprego, sobretudo dentre os mais jovens.

Observou-se no referencial teórico pesquisado, que a inserção do jovem no mercado de trabalho tem sido cada vez mais dificultosa, principalmente para os vindos de classes sociais mais baixas, com poucas perspectivas sociais e baixa formação cultural e educacional.

Conforme relatado pelos autores pesquisados, o jovem tem uma visão reduzida a respeito do mercado de trabalho, já que é orientado basicamente pela visão de seu grupo social de relacionamento, composto em geral por outros jovens e pessoas que detêm pouca ou quase nenhuma informação sobre esse mercado. A pesquisa realizada com jovens angrenses apontou para esse desconhecimento, ou visão simplista das variáveis relacionadas ao mundo do trabalho.

No estudo realizado, os jovens pesquisados tenderam a repetir basicamente características cotidianas, limitando suas escolhas de trabalho às opções tradicionais da região em que residem.

A pesquisa que objetivava o levantamento das visões e anseios do jovem angrense candidato ao mercado de trabalho, por meio de pesquisa qualitativa, indicou uma tendência bastante modesta de perspectivas de ganhos financeiros mensais, que se acredita, reproduzirem a realidade econômico-financeira de seus lares de origem, visto que os entrevistados, de modo geral, pertencem a classes de baixa renda.

O trabalho, em geral, significa para esse jovem a possibilidade de manutenção de sua vida, o custeio da educação, o lazer, e ainda para alguns, a possibilidade de poder auxiliar no rateio de despesas domésticas, havendo ainda um discreto relato da aspiração de poupança ou investimento. O trabalho representa ainda um mecanismo de valorização pessoal diante de seus pares e de seus familiares, já que significa a passagem para a vida adulta e confere ao jovem maior importância e prestígio em seu meio social, além de responsabilidade sob a ótica de seus familiares.

Merece destaque a forte crença dos jovens pesquisados em duas variáveis: o esforço e o estudo. A maioria dos pesquisados, apontou esses dois fatores como preponderantes e decisórios para o alcance de colocação no mercado de trabalho, ainda que o candidato à vaga advenha de situações adversas de vida. A crença nessa prerrogativa faz com que os entrevistados se caracterizem por possuírem elevado grau de auto-estima e, por essa razão, acreditem plenamente em seu potencial. Todavia, percebe-se que todos possuem a clareza das dificuldades da inserção do jovem, de maneira generalizada, no mercado de trabalho, sobretudo na obtenção do primeiro emprego.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. A.; MARQUES, V.O. Reflexões sobre o que o jovem resendense pensa sobre o mundo do trabalho remunerado. In: V Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia-SEGet. **Anais**. Resende – RJ. 2008.

BERCOVICH, A.; MADEIRA, F. A. Descontinuidades demográficas no Brasil e no Estado de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 7., 1990, Caxambu. **Anais**. São Paulo: ABEP, 1990, v. 2. p.595-631

_____ ; MASSÉ, G. Descontinuidades demográficas, ondas jovens e mercado de trabalho: uma comparação entre Brasil e Argentina. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO, 1, Caxambu, 2004. **Anais...** Caxambu: Alap, 2004.

BERRUTI, F.; BENGUA, C. **Orientación ocupacional de jóvenes** – Guía para Educadores. Programa Formación Profesional. Foro Juvenil. CINTEFOR/OIT. INJU, 1996.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. 3.ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

CAMARANO, A. A.; KANZO, S. ; VIANNA, C. ; PAZINATO, M. T. ; A transição para a vida adulta: novos ou velhos desafios? **Mercado de trabalho. Conjuntura e análise**, n. 21, Brasília, IPEA, 2003, p. 53-66.

CRESWELL, J. **Research design: qualitative & quantitative approaches**. Thousand Oaks: Sage, 1994.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. - 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2007.

HOTZA, M. A. S.; LUCCHIARI, D. H. P. S. A re-escolha profissional dos vestibulandos da UFSC de 1997. **Revista da ABOP**. n.2, v.1, p.97-110, 1998.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil do mercado de trabalho. 2008. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 23 jul. 2009.

KORENMAN, S.; NEUMARK, D. Cohort Crowding and Youth Labor Markets: A cross-national analysis. **NBER Working paper**. n. 6031, Cambridge, MA: 1997.

MARTINS, J. de S. **A exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MUNIZ, J. O. As Descontinuidades Demográficas Exercem Efeito sobre o Mercado de Trabalho Metropolitano dos Jovens? **Anais Encontro Nacional da ABEP**, 2002.

OLIVEIRA, M. A. **E Agora José?:** guia para quem quer buscar emprego, mudar de trabalho, montar um negócio ou repensar sua carreira. São Paulo: SENAC, 1999.

PNAD: Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. Microdados em Cd-Rom.

_____. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 1998. Microdados em Cd-Rom.

_____. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Microdados em Cd-Rom.

POCHMANN, M. **A inserção ocupacional e o emprego dos jovens**. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, 1998.

_____; AMORIM, R. (orgs.). **Atlas da Exclusão Social no Brasil** (v. 1). 2a ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M.. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 2.ed. rev. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2001.

SILVA, N. D. V.; KASSOUF, A. L. **O Trabalho e a Escolaridade dos Brasileiros Jovens**. Mimeo, 2002.

SPOSITO, M. P. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

WHITAKER, D. **Escolha da carreira e globalização**. 11^a. ed. São Paulo: Moderna, 1997.